

Acabou-se o que era doce...

anamineira

Quando criança, minha mãe via-me como uma "menina crescida", apesar dos meus oito anos.

O relógio batia oito horas e já vinha com seus passinhos frenéticos entrando no quarto, acordando-me dizendo:

---- Ana Mariiiiiiiiia! Isso é hora de dormir?

---- Pula já da cama, vai cuidar dos seus afazeres!

Esfregando os olhos, corria até a varanda e dava de cara com minhas amigas brincando na praça, em frente a Capela de São Sebastião.

Quando chovia, de madrugada, a chuva varria a terra, e o chão do largo da capela ficava fofinho, ideal para jogar finco.

Tremia de raiva. Tinha que obedecer minha mãe, arrumar a casa, passar algumas peças de roupas, as mais fáceis, e só depois poder brincar.

Corria, corria, limpando "pelos meios", com a cabeça no jogo dos fincos. Sem que ela visse, saía de fininho pelo beco da casa e mergulhava nas brincadeiras.

Tinha esse direito! Como minha mãe era chata!

Certa vez, até esqueci o ferro ligado. Só lembrei quando ouvi seu grito:

---- Ana Mariiiiiiiiiia! Passa aqui!

---- Nossa, e agora? Pensei.

Depois de várias chineladas, levou-me para ver o estrago.

Tinha queimado a toalha de banho e até a velha mesa de madeira.

---- Venha bater os ovos para fazer o rocambole!

Continuava me direcionando para o trabalho. Assim acreditava estar cumprindo sua missão de mãe.

Pegava os ovos, me ensinando a separar as claras das gemas:

---- Cuidado, não pode cair uma gota de gema, senão as claras não crescem.
Já com bastante raiva, pois meu jogo de finco tinha ficado pela metade, batia as claras, colocava as gemas, batia de novo, colocava o açúcar, o trigo, o fermento em pó, e depois de assado, dava um belo pão-de-ló.
Ela recheava com doce de leite e estava pronto o rocambole.
Agora entendo por que o meu pão-de-ló ficava bom. É que a vontade de jogar finco era tanta, então batia as claras apressadamente.
Que tristeza sentia, ao voltar na varanda, e ver que a meninada já não brincava mais.
Tomava meu banho, almoçava, e ia para a escola.
Na volta, passava na venda do meu pai, e lá estava o bendito rocambole, enfeitando a vitrine.
Pegava um pedaço, como era gostoso!
A alegria voltava ao meu coração de menina.
Tinha feito minha parte.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/acabou-se-o-que-era-doce>